

See discussions, stats, and author profiles for this publication at: <https://www.researchgate.net/publication/327860640>

Análise das Representações Sociais e do Impacto da Aquisição de Competências em Empreendedorismo nos Estudantes do Ensino Superior Politécnico Instituto Politécnico da Guarda 2018

Book · June 2018

CITATION

1

READS

203

5 authors, including:



Pedro Parreira

Escola Superior de Enfermagem de Coimbra

364 PUBLICATIONS 1,767 CITATIONS

SEE PROFILE



Lisete Mónico

University of Coimbra

311 PUBLICATIONS 1,758 CITATIONS

SEE PROFILE



Teresa Paiva

Polytechnic Institute of Guarda

100 PUBLICATIONS 238 CITATIONS

SEE PROFILE



Maria Leopoldina Alves

Instituto Politécnico de Leiria

52 PUBLICATIONS 776 CITATIONS

SEE PROFILE

**Pedro Parreira Jorge Humberto Sampaio
Lisete Mónico Teresa Paiva
Leopoldina Alves**

**Análise das Representações
Sociais e do Impacto da
Aquisição de Competências
em Empreendedorismo nos
Estudos do Ensino Superior
Politécnico**

**Instituto Politécnico da Guarda
2018**

Título

Análise das Representações Sociais e do Impacto da Aquisição de Competências em Empreendedorismo nos Estudos do Ensino Superior Politécnico

Coordenação da Edição

Pedro Parreira

Unidade de Investigação em Ciências da Saúde: Enfermagem

Escola Superior de Enfermagem de Coimbra

Jorge Humberto Sampaio

Instituto Politécnico de Bragança

Lisete Mónico

Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

Universidade de Coimbra

Teresa Paiva

Unidade de Investigação para o Desenvolvimento do Interior

Instituto Politécnico da Guarda

Leopoldina Alves

Instituto Politécnico de Leiria

Coordenação científica

Pedro Parreira

Equipa de coordenação científica

Teresa Paiva; Leopoldina Alves; Jorge Humberto Sampaio

Revisão de Texto

Joana Leal

Maquetização

João Rodrigues

Capa

Humberto Pinto

ISBN: 978-972-8681-76-0

Propriedade: Instituto Politécnico da Guarda; Av. Dr. Francisco Sá Carneiro n° 50 | 6300-559 Guarda /Portugal

Contactos: Telf. 271 220 100 * Fax 271 222 690* Email: udigeral@ipg.pt

Publicação realizada no âmbito do Projeto PIN – Poli Entrepreneurship Innovation Network

Parceria: Instituto Politécnico da Guarda; Instituto Politécnico de Bragança; Instituto Politécnico de Leiria; Escola Superior de Enfermagem de Coimbra; Instituto Politécnico de Beja; Instituto Politécnico de Castelo Branco; Instituto Politécnico de Coimbra; Instituto Politécnico de Portalegre; Instituto Politécnico de Santarém; Instituto Politécnico de Tomar; Instituto Politécnico de Viana do Castelo; Instituto Politécnico de Viseu; Instituto Politécnico do Cávado e Ave

Cofinanciado por:



UNIÃO EUROPEIA
Fundo Europeu
de Desenvolvimento Regional

Agradecimentos

Este trabalho não teria sido possível sem o apoio de toda a rede politécnica, nomeadamente através dos seus coordenadores das edições em que o estudo foi implementado.

E. Náutica Inf. D. Henrique	
E. Poli. U. Algarve	IP Guarda
E. Poli. U. Aveiro	IP Leiria
E. S. Enf. Coimbra	IP Lisboa
E.S.H.T. Estoril	IP Portalegre
IP Beja	IP Santarém
IP Bragança	IP Setúbal
IP Castelo Branco	IP Tomar
IP Cávado e Ave	IP Viana do Castelo
IP Coimbra	IP Viseu

Agradecimento ao COMPETE pelo cofinanciamento do Projeto Poli Innovation Network – PIN, nº16177, 03/SIAC/2015, em que estes estudos estão enquadrados nas atividades, no âmbito do PORTUGAL 2020 e o FEDER, fundo estrutural europeu.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO

1. A Educação para o Empreendedorismo no Ensino Superior em Portugal e o Projeto PIN / Poliemprende 3
Teresa Paiva, Leopoldina Alves, Jorge Humberto Sampaio

ENQUADRAMENTO TEÓRICO

2. Representações Sociais: Conceitos básicos e funções 17
José Cavaleiro, Lisete Mónico, Denize Oliveira e Pedro Parreira
3. Representações Sociais do Empreendedorismo: Revisão integrativa da literatura entre 2007-2017 39
Amélia Castilho, Anabela Salgueiro, Pedro Parreira
4. Abordagem estrutural das Representações Sociais 63
Pedro Parreira, Lisete Mónico, Denise Oliveira, José Cavaleiro, João Graveto
5. Perceções da Aprendizagem: Processos e modelos de desenvolvimento de competências 81
Amaia Yuberrasco, Teresa Paiva, Pedro Tadeu, Leopoldina Alves

ESTUDOS EMPÍRICOS

6. Representações Sociais do Empreendedorismo: Estudo empírico com estudantes do ensino superior politécnico português 101
Pedro Parreira, Lisete Mónico, António Gomes, Virgínia Nogueira, José Cavaleiro

-
7. Perceção do Impacto da Aprendizagem: O modelo de 113
avaliação da aprendizagem de Donald Kirkpatrick
Amaia Yuberrasco, Teresa Paiva, Elisa Figueiredo

CONCLUSÃO

8. Análise das Representações Sociais e do Impacto da Aquisição 139
de Competências em Empreendedorismo nos Estudos do
Ensino Superior Politécnico: Reflexões finais
*Teresa Paiva, Leopoldina Alves, Jorge Humberto Sampaio,
Pedro Parreira, Lisete Mónico*

143

NOTAS CURRICULARES

ANEXOS

- I - REPRESENTAÇÕES SOCIAIS V
II - ANÁLISE DO IMPACTO DA APRENDIZAGEM LXXXIII

CAPÍTULO 5

PERCEÇÕES DA APRENDIZAGEM: PROCESSOS E MODELOS DE DESENVOLVIMENTO DE COMPETÊNCIAS

Amaia Yuberrasco, Teresa Paiva, Pedro Tadeu, Leopoldina Alves

RESUMO

A necessidade de avaliação e análise do impacto de qualquer programa de aprendizagem implementado é algo imperativo. A discussão em torno da avaliação do ensino de empreendedorismo ou programas de formação na perspectiva de uma Instituição de Ensino Superior está, normalmente, ligada ao impacto da criação de cariz empresarial (número de novos produtos ou novos negócios) e muitas vezes não leva em conta o aumento de competências e habilidades, ou a evolução para uma mentalidade mais empreendedora, que os participantes possam desenvolver.

Dentro de uma perspectiva de aprendizagem do empreendedorismo, a transformação da experiência dos empresários em conhecimento pode influenciar o relacionamento entre a sua experiência profissional e o desenvolvimento do conhecimento sobre empreendedorismo.

Palavras-chave: Avaliação da aprendizagem; Empreendedorismo; Poliempreende

Perceções da Aprendizagem: processos e modelos de desenvolvimento de competências

Quando realizamos muitas das tarefas diárias que compõem o nosso dia-a-dia não nos apercebemos de como tudo se passou até chegarmos a um dado ponto evolutivo no nosso crescimento. O processo que nos levou a que, após a primeira tarefa se encadeasse outro processo e que nos ajuda a desenvolver reações instantâneas face a determinadas situações com que somos confrontados, teve origem no que se designa por aprendizagem (Skinner, 2005; Vygotsky, 2001).

Podemos assim referir que a aprendizagem é algo que modifica o nosso comportamento ao nível cognitivo, motor, sensorial, integrando também mudanças nos nossos valores e atitudes. Sabemos também que a maior parte do desenvolvimento físico, emocional, psicossocial e cognitivo ocorre durante a infância e adolescência, projetando-se nesta fase as bases para uma boa autoestima e autoconfiança futuras (Ministério da Educação, 2016).

Existem várias correntes que perspetivam diferentes tipos e modelos de aprendizagem. Sem querer entrar em subdivisões profundas referenciamos as três grandes categorias que englobam essas correntes:

- Teorias comportamentalistas (behaviorismo) - explicam a aprendizagem diretamente relacionada com eventos que são observáveis, evitando efetuar referências a conceitos como *mente* e *vontade*. Alguns dos autores que defendem esta teoria são Pavlov, Thorndike, Watson e Skinner;
- Teorias cognitivistas - consideram que a aprendizagem ocorre através de mapas cognitivos, por observação, imitação e compreensão súbita. Alguns dos autores que adotam esta perspetiva são Köhler, Tolman e Bandura;
- Teorias desenvolvimentistas - propostas por autores como Piaget, Vigostky ou Bruner, procuram explicar a inteligência e o conhecimento como processos construídos em resultado da interação do sujeito com o meio que o envolve. A aprendizagem surge através da interação.

Tendo a noção de que não existe uma teoria melhor que a outra, ou, por oposição, alguma menos relevante, enquanto investigadores consideramos ser importante termos consciência e reconhecermos que os nossos alunos poderão estar expostos a diferentes modelos de aprendizagem e que estes os vão influenciar e caracterizar no futuro.

A aprendizagem dos mais variados conceitos está, pois, condicionada ao professor, sujeito da ação que, aliado ao meio assumem o papel preponderante no desenvolvimento não só das competências do aluno, em termos dos

conteúdos curriculares, mas mais do que isso, no desenvolvimento de atitudes proactivas.

A aprendizagem de uma cultura empreendedora está assim, diretamente relacionada com o sujeito, professor, e com o objeto do sujeito, o aluno, envolvendo parte destas teorias e o modo como interagem com o meio envolvente.

Como afirmámos atrás, estando os alunos recetivos às oportunidades que lhes são propostas, torna-se fundamental atuarmos fornecendo possibilidades de aprendizagem diversificadas, como seja a aprendizagem empreendedora.

A aprendizagem empreendedora é um processo social contínuo de aprendizagem individual que surge daquilo que os indivíduos aprendem por si próprios e com os outros, desenvolvendo os seus próprios conhecimentos e teorias que serão aplicados, adaptados e aprendidos por outros, em virtude do processo de sucesso que facultam (Rae e Carswell, 2000). Este tipo de aprendizagem empreendedora envolve repetição e experimentação que conduz a um aumento de confiança e de conhecimento (Minniti e Bygrave, 2001). Este é ainda um processo de coparticipação que envolve a reflexão, experiência e ação que são dependentes de fatores sociais, históricos e culturais que o condicionam (Taylor e Thorpe, 2004), um processo dinâmico de consciência, reflexão, associação e aplicação que envolve a transformação de experiência e conhecimento em aprendizagem funcional (Cope, 2005). Politis (2005) resume o conceito afirmando que é um processo contínuo de facilitação do desenvolvimento do conhecimento que é necessário para a eficaz criação e gestão de empresas e novos negócios. Pelo exposto, podemos concluir que a aprendizagem empreendedora é o processo pelo qual os indivíduos adquirem, associam e organizam conhecimentos, condicionados por estruturas mentais pré existentes, oriundas de influências educacionais, sociais e culturais (Minniti e Bygrave, 2001; Corbett, 2005; Harrison e Leitch, 2005).

A aprendizagem empreendedora tem diferentes perspetivas: experiencial, cognitiva e de *networking* (Man, 2006). A abordagem

experiencial, defendida por Kolb (1984) sugere que a aprendizagem é um processo pelo qual os conceitos surgem da experiência e reflexão contínua do empreendedor, tal como se pode perceber pela Figura 5.1. A abordagem cognitiva (Man, 2006) considera que a aprendizagem é o processo mental de aquisição, armazenamento e utilização do conhecimento empreendedor, a longo prazo que é, por sua vez, afetado por fatores emocionais, motivacionais, de atitude e personalidade. A abordagem de *networking* (Man, 2006) afirma que os conhecimentos empreendedores são adquiridos por via das redes de relacionamento (clientes, fornecedores, bancos, instituições de ensino superior, profissionais, parentes, amigos e mentores).

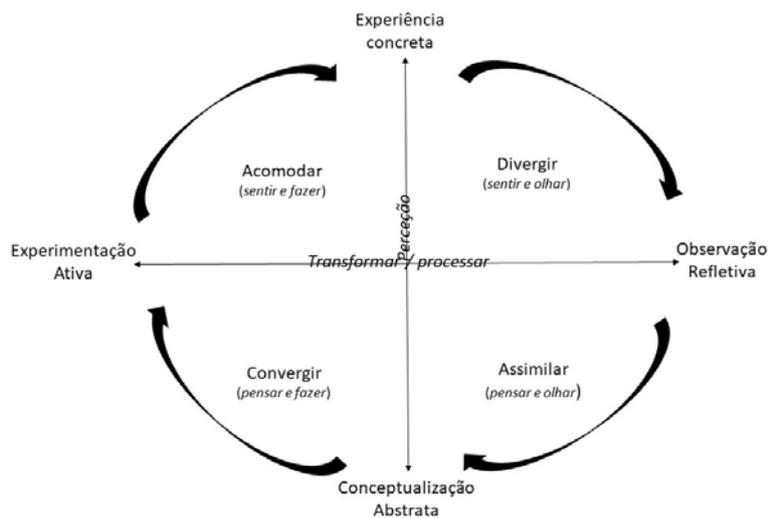


Figura 5.1 – O Ciclo de Aprendizagem Experiencial de Kolb (Adaptado de Kolb & Kolb, 2008)

A aprendizagem, tal como apresentado por Gherardi e Nicolini (1998), decorre da participação dos indivíduos em atividades sociais, pois o conhecimento é produzido conjuntamente com as situações (tempo e local) em que as atividades são realizadas. Assim, os empreendedores aprendem por meio da experiência direta, das práticas, dos sucessos e fracassos e dos relacionamentos com os outros. (Rae e Carswell, 2000). Desta forma, a

aprendizagem é dirigida por necessidades práticas, com as experiências positivas ou negativas do passado (Man, 2006).

Existem, pois, alguns modelos de aprendizagem empreendedora que procuraremos resumir e apresentar e que sistematizam estas reflexões de aprendizagem.

Tal como se pode observar na Figura 5.2, Rae (2004) apresenta um modelo de aprendizagem empreendedora em que integra o indivíduo no seu contexto social e abrange três dimensões: a formação pessoal e social; a aprendizagem contextual; e o empreendedorismo negociado.

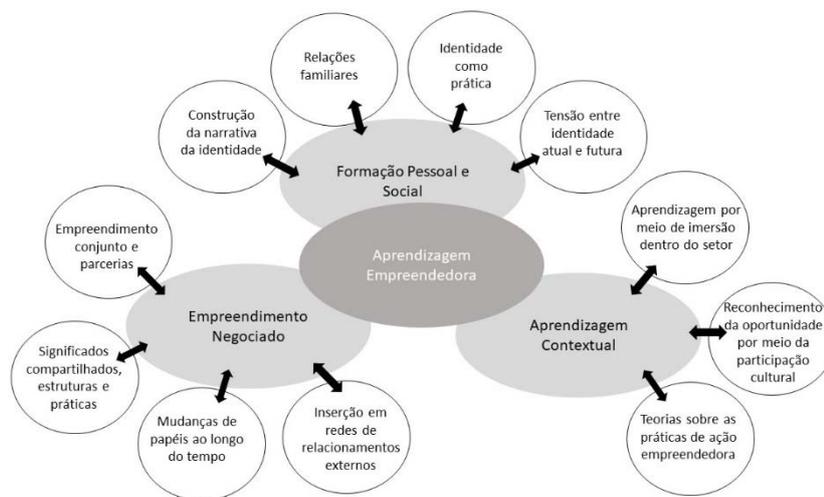


Figura 5.2 – Modelo de Aprendizagem Empreendedora (Adaptado de Rae, 2005)

De acordo com este autor a aprendizagem empreendedora é influenciada pela sua vida pessoal e pelas experiências familiares, pela educação, carreira profissional e relações sociais. Deste modo a componente de formação pessoal e social, influenciam a capacidade de aprendizagem e os conhecimentos adquiridos.

A aprendizagem contextual ocorre quando os indivíduos relatam e comparam as suas experiências, criando e partilhando, num determinado

contexto social e cultural e nas suas redes de relacionamento. Por meio destas relações sociais e diferentes situações e contextos, os indivíduos aprendem e desenvolvem habilidades de reconhecimento de oportunidades.

Estas trocas interativas de ideias e objetivos com outros indivíduos, são o que aqui é apelidado de empreendimento negociado, na medida em que estas trocas são efetuadas dentro do contexto empresarial com clientes, fornecedores, investidores, empregados ou sócios. Esta dimensão apresenta-se subdividida em quatro: significados partilhados; estrutura e práticas; mudanças de papéis ao longo do tempo; e, inserção em redes de relacionamento externas.

O modelo de Politis (2005) dá ênfase ao processo de transformação da experiência em conhecimento. A autora defende que a experiência, em particular a experiência empresarial, é importante para a aprendizagem empreendedora na medida em que os conhecimentos advêm dessa experiência e influenciam as escolhas estratégicas. Tal como se pode observar na Figura 5.3, este modelo realça o papel da experiência no desenvolvimento do conhecimento empreendedor, integrando teorias da aprendizagem experiencial (Kolb, 1984; March, 1991). Distingue a experiência de um empreendedor e o conhecimento por ele adquirido e desenvolve uma perspectiva dinâmica de aprendizagem ao se focar no processo entre as experiências empreendedoras e o desenvolvimento do conhecimento empreendedor e como estes são transformados continuamente. Ou seja, o foco deste modelo é colocado no processo de transformação das experiências dos empreendedores.

A aprendizagem empreendedora é frequentemente descrita como um processo contínuo que facilita o desenvolvimento do conhecimento necessário para ser eficaz na criação e gestão de novos empreendimentos. No entanto, embora tenha havido grandes esforços em investigar o potencial de efeitos da aprendizagem das experiências dos empresários, houve muito pouco esforço para distinguir entre "experiência empreendedora" e "conhecimento empresarial", ou o que Reuber, Dyke e Fischer (1990) referem como "conhecimentos experimentalmente adquiridos". Uma maneira de distinguir

estes dois conceitos é considerar as experiências dos empresários como a observação direta de, ou a participação em, eventos associados com a criação de uma nova empresa, enquanto a sabedoria prática resultante daquilo que o empreendedor encontrou representa o conhecimento derivado desta experiência particular (Reuber et al., 1990). Esta linha de raciocínio pode relacionar-se com Kolb (1984), que enfatiza a duas dimensões básicas da aprendizagem experiencial — aquisição e transformação.

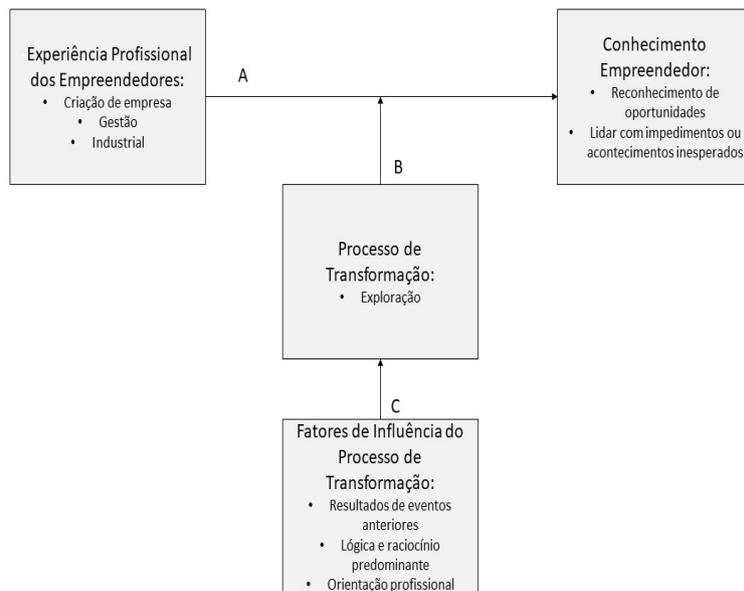


Figura 5.3 – Modelo de Aprendizagem Empreendedora de Politis (Adaptado de Politis, 2005)

A figura anterior ilustra que, além de investigar a ligação direta entre as experiências profissionais dos empreendedores e o desenvolvimento do conhecimento empresarial (A), também é necessária uma melhor compreensão do modo como os empresários transformam a experiência em conhecimento e a sua influência no tipo de conhecimento específico desenvolvido (B), para além dos fatores que influenciam o modo de transformar uma experiência em conhecimento (C).

De acordo com Politis (2005) o conhecimento empreendedor é o reconhecimento da oportunidade e da forma de ação ao identificá-la, ultrapassando os obstáculos e gerindo os novos negócios. O conhecimento está estruturado pela prática e pela observação e resulta do processo de aprendizagem ao longo do tempo, que tem mudanças e consequentes alterações no comportamento dos indivíduos.

A aprendizagem empreendedora tem sido apresentada como um processo experiencial, onde a experiência pessoal de um empreendedor é transformada em conhecimento, que por sua vez, pode ser usado para orientar a escolha de novas experiências de aprendizagem. Ao investigar a aprendizagem empreendedora é, no entanto, necessário reconhecer que as experiências de carreira dos empresários não conduzem diretamente a esse conhecimento empresarial. Em vez disso, o ganho de novas experiências e o desenvolvimento de novos conhecimentos pode ser descrito melhor como um processo onde experiências são transformadas em conhecimento adquirido experiencialmente (Kolb, 1984). Portanto, a simples percepção da experiência anterior não é suficiente para a aprendizagem empreendedora acontecer, mas exige que algo deve ser feito com ela. Da mesma forma, a transformação sozinha não pode representar a aprendizagem, pois deve haver algo a ser transformado, algum estado ou experiência que deve ser trabalhado. O que ainda permanece sem resposta é, conseqüentemente, a questão fundamental de como os empresários transformam as suas experiências em conhecimento empreendedor. A ideia central da aprendizagem experiencial é que a aprendizagem requer uma compreensão ou representação figurativa de experiência e então alguma transformação dessa representação (Kolb, 1984).

No entanto, Politis (2005) considera que esta perspectiva da aprendizagem, enquanto processo de transformação de experiências, sendo continuamente criado e recriado, não é completamente adequado para entender a complexidade e as incertezas dos empreendedores, tendo em vista que este

tipo de processo de aprendizagem não segue, necessariamente, essa sequência cíclica predeterminada, justificando, assim, a criação do seu modelo.

A aprendizagem empreendedora é um processo experiencial no qual a experiência de carreira de um empreendedor é transformada em conhecimento por meio do equilíbrio entre a exploração do que ele já sabe (ou seja, de velhas certezas, nas quais os empreendedores podem escolher ações que replicam seus conhecimentos existentes com o objetivo de obter vantagens, reduzir custos e maximizar benefícios, incluindo refinamento, rotina e implementação de conhecimento, execução, produção e escolhas), de acordo com March, (1991) e a exploração (meio pelo qual os indivíduos aprendem com experiências de explorar novas possibilidades, descobertas e inovação que são diferentes das anteriores) de novas possibilidades (Politis e Gabrielsson, 2005; Politis, 2005; Weick e Westley, 1996) podendo esse conhecimento ser usado para guiar as escolhas de novas experiências. Nenhum destes dois modos de transformar experiência em conhecimento é necessariamente melhor que o outro (March, 1991). São necessários os dois para sustentar a aprendizagem, devendo haver um equilíbrio entre ambos. Pelo exposto, Politis (2005) afirma que a transformação de experiência em conhecimento dos empreendedores pode moderar a relação entre a sua experiência profissional e o desenvolvimento de conhecimento empreendedor, tendo identificado três fatores que podem auxiliar a compreensão desta transformação:

- Os resultados de eventos empreendedores prévios, quer sejam com experiências bem-sucedidas ou com insucesso;
- A lógica ou racionalidade dominante de um empreendedor – existem dois tipos de racionalidade nas teorias económicas: a causalidade e a efetividade. O raciocínio causal usa técnicas de análise e estimativa para explorar os mercados latentes. Centra-se no que deve ser feito de acordo com metas, meios e resultados previstos. A causalidade envolve a criação de alternativas adicionais para atingir determinados objetivos (Sarasvathy, 2001). A efetividade não começa com metas pré-

estabelecidas, mas segue as que emergem com o tempo, de acordo com a imaginação e aspirações do empreendedor;

- A orientação profissional do empreendedor, através de quatro estilos: linear, especialista, espiral e transitória. Se alguns preferem explorar novas atividades, mudar de campo, de organização e de trabalho, outros preferem a rotina e a especialização (Politis, 2005).

Desenvolvimento de competências empreendedoras do Projeto

PIN/Poliempreende

Cada vez mais a formação em geral e a orientada para a facilitação da inserção laboral, em particular, longe de se limitar a ter um foco no que se transmite concentra-se nos conhecimentos, atitudes, habilidades e competências adquiridas e/ou desenvolvidas pelo estudante durante o seu processo formativo. Esta nova orientação é fundamental por ser transformadora, nos novos contextos do ensino-aprendizagem, e é aí que se insere o projeto PIN/Poliempreende.

Este projeto, com o objetivo de promover uma sólida cultura empreendedora, e com uma marcada orientação prática, articula ações formativas destinadas a gerar uma atividade empresarial inicial, com um duplo objetivo: promover a empregabilidade dos seus participantes e transferir o conhecimento que é próprio da temática do empreendedorismo. Trata-se de um importante trabalho da academia que se alimenta do não menos importante trabalho de investigação.

Assume-se, aqui, que o espírito empreendedor está estreitamente ligado à iniciativa e à ação, e por isso, dentro dos conteúdos de formação há um destaque protagonizado pelo desenvolvimento de competências que se pretende potenciar. Aliado ao saber (conhecimento) é necessário saber fazer, pois só assim conseguiremos profissionais devidamente capacitados para intervir nos processos de desenvolvimento do empreendedorismo e inovação, tão requeridos socialmente. Este espírito, diferente do empresarial (consistente em

identificar oportunidades e reunir recursos suficientes de natureza variada para os transformar em uma empresa) congrega um aspeto muito mais amplo de atitudes positivas. Supõe querer desenvolver capacidades de mudança, experimentar ideias próprias e reagir com maior abertura e flexibilidade. Apresenta uma dupla faceta, por um lado supõe saber lançar novos projetos com autonomia, capacidade de assunção de riscos, com responsabilidade, com intuição, com capacidade de projeção ao exterior e com capacidade de reação e resolução de problemas. Por outro lado, também supõe saber levar a cabo projetos de outros com o mesmo espírito de inovação, responsabilidade e autonomia.

São três, os grandes grupos de competências empreendedoras que adquirem um protagonismo especial no PIN/Poliempreende:

1. Competências económicas – se o empreendedor é a pessoa que se lança com decisão para o desenvolvimento de ações que parecem difíceis e que contêm um certo risco, necessita de desenvolver uma visão clara de quanto necessita para transformar ideias em empresas, para além dos conhecimentos básicos da gestão empresarial, necessários para a implementar. Como gestores deverão conseguir “fazer coisas”, gerar ideias, pô-las em ação e motivar equipas. Visão, liderança, organização de equipas e utilização eficiente dos recursos materiais, podem ser condicionantes do seu êxito. Articular ferramentas que estimulem a imaginação, ter consciência da necessidade de se esforçar para descobrir oportunidades e poder transformá-las em atividades rentáveis, é a chave da ação empreendedora e esta, por sua vez, é fundamental para o crescimento económico das sociedades.

O empreendedorismo alude ao processo de criação de valor que surge da aplicação de uma série de recursos que permitem aproveitar uma oportunidade que vai desde as ações destinadas a identificar oportunidades, a assumir riscos, até implementar um novo negócio e geri-lo (Hurtado, N.E.; Cordon, E., Sennise, M.E., 2007), incluindo todos os atos de inovação, renovação ou criação organizacional que podem dar-se dentro ou fora de uma

organização já existente (Sharma, P., e Chrisman, J.J., 1999). Assim, considera-se o empreendedor um agente que descobre novas oportunidades através da inovação e da criatividade (Schumpeter, J., 1934). Assumimos a inovação, a flexibilidade competitiva e a geração de emprego como elementos chave do desenvolvimento económico, pelo que o empreendedorismo configura-se como um eixo de crescimento e uma solução para estes três problemas (Gómez, S.; Delgado, J. e Vidal, M.D., 2010).

2. Competências Sociais - Se o emprego, em permanente transformação, destaca-se como o desafio de condução do crescimento económico, a nossa sociedade precisa de modelos que promovam e revitalizem o crescimento, a geração de emprego e negócios inovadores. É necessário incrementar os índices de empregabilidade para melhorar a qualidade de vida da população e um mecanismo válido para o conseguir é o autoemprego. Nesse sentido, as iniciativas empreendedoras têm um papel muito importante na sociedade atual. Não será de estranhar que nesta perspetiva, muitos encarem o empreendedorismo como uma alternativa possível que permite alcançar a concretização de todos estes objetivos.

Mas um empreendedor que deseje trazer um sentido ético à sua empresa deverá, também, comprometer-se com um código moral e uma determinação pessoal que o leve a criar um valor que seja benéfico para a humanidade. Assumir a criação de empresa como uma atividade ética dependerá dos valores do empreendedor e por isso o processo de formação deve impulsionar um determinado modelo coerente com esta ética empresarial (OCDE,2015).

A prática educativa deste projeto aspira a transformar a sociedade fomentando valores, conhecimento, atitudes, crenças, etc., assente em princípios culturais orientados para um espírito empreendedor como um motor de desenvolvimento da comunidade. Gerar uma cultura empreendedora baseada no equilíbrio entre o crescimento económico, justiça social e respeito pela natureza (Cañadilla, 2005; Galindo, 2006), como o motor do desenvolvimento sustentável.

3. Competências Pessoais – assumimos a educação para a ação e que a ação humana deve ser criadora. Fomentar o dinamismo, orientá-lo para a procura do novo, para a criação e aumento das possibilidades, é um objetivo que nos propusemos com o projeto PIN/Poliempreende. Conseguí-lo repercutirá diretamente no potencial do aluno e através do seu trabalho diário no meio organizativo em que se insira e na sociedade.

Tendo em conta o contexto atual social e económico global, em constante mutação, devemos capacitar os nossos alunos com técnicas e ferramentas que lhes permitam enfrentar as pressões próprias destas mudanças, na velocidade e intensidade que tenham. A rápida obsolescência da informação com que trabalhamos e a validade dos nossos conhecimentos requer uma aprendizagem que aumente a capacidade de aprender e de mudar. O nosso modelo incorpora a educação e a empregabilidade para que o aluno consiga desenvolver o que sabe em qualquer situação que enfrente (Irigoin e Vargas, 2002). Devemos pois prepará-lo para que possa agir e mobilizar o seu saber.

Algumas das importantes competências com que o projeto trabalha, em áreas de desenvolvimento pessoal, têm que ver com as motivações de conquista e afiliação, trabalhando a crença de superação pessoal e de que o esforço e dedicação possibilitam a concretização de objetivos, a ideia de que quem quer consegue, a necessidade de persistir e de cumprir com os compromissos. A persuasão, o estabelecimento de redes de procura de informação, a planificação e a concretização das ações definidas para a concretização dos objetivos, a necessidade de planificar as ações e auditar a sua implementação, são outras das competências que consideramos importantes e que procuramos desenvolver.

Conclusão

O projeto PIN/Poliempreende procura o desenvolvimento da aprendizagem empreendedora através da experimentação e desenvolvimento de um plano de negócio integrando os alunos em contextos empresariais o mais próximos

possível da realidade. Deste modo, procura, na perspetiva da aprendizagem referida por Politis, que os estudantes identifiquem oportunidades e formas de ação, ultrapassando barreiras para a concretização dos seus objetivos. Esta missiva parece-nos, pelos resultados obtidos a partir da perceção dos estudantes inquiridos no nosso estudo, que foi totalmente alcançada, em particular por o poderem fazer tanto na vertente do seu desempenho profissional como pessoal.

Referências Bibliográficas

- Cañadilla, M. (2005). La Cultura Ético-Emprendedora (E2). Aplicaciones psicosociales al mundo del empleo, in Romay, J y García, R. (Eds.): *Psicología social y problemas sociales (4): psicología de las organizaciones, del trabajo y recursos humanos y de la salud*. Madrid: Biblioteca Nueva, pp. 173-182.
- Cope, J. & Watts, G. (2000). Learning by doing. An exploration of experience, critical incidents and reflection in entrepreneurial learning. *International Journal of Entrepreneurial Behaviour & Research*, 6(3), 104–124.
- Cope, J. (2005), Toward a Dynamic Learning Perspective of Entrepreneurship. *Entrepreneurship Theory and Practice*, 29: 373–397. doi:10.1111/j.1540-6520.2005.00090.x
- Corbett, A. (2005). *Universities and the Europe of knowledge: ideas, institutions and policy entrepreneurship in European Union Higher Education Policy, 1995-2005*. Basingstoke: Palgrave Macmillan.
- Taylor, David W. & Thorpe, Richard (2004). Entrepreneurial learning: a process of co-participation. *Journal of Small Business and Enterprise Development*, Vol. 11 Issue: 2, pp.203-211, <https://doi.org/10.1108/14626000410537146>.
- Galindo, P. (2006). Cultura Ético-Emprendedora (E2) y desarrollo de competencias transversales clave para la inserción sociolaboral de los universitarios. *Revista de Educación de la Universidad de Granada*, 19, pp. 129-14.

-
- Gherardi, S., Nicolini, D. and Odella, F. (1998). Toward a social understanding of how people learn in the organizations: the notion of situated curriculum. *Management Learning*, Vol. 29, No. 3, pp. 273-297
- Gómez, S., Delgado, J. y Vidal M.D. (2010). Propuesta de aplicación de la teoría sociológica institucional como marco teórico para el análisis del emprendimiento corporativo. *Gestión*. Javen, 5, 1-11.
- Harrison, R. T. and Leitch, C. M. (2005), Entrepreneurial Learning: Researching the Interface Between Learning and the Entrepreneurial Context. *Entrepreneurship Theory and Practice*, 29: 351–371. doi:10.1111/j.1540-6520.2005.00089.x
- Hurtado, N.E., Cordón E., Senise, M.E. (2007). Efectos de la cultura nacional en la relación entre orientación emprendedora y el resultado de la innovación de producto: el caso del sector farmacéutico. Cuadernos económicos de ICE, 73, 135-150.
- Irigoin, M.; Vargas, F. (2002). La formación basada en competencias: el diseño de la formación basada en competencias. In *Competencia laboral: manual de conceptos, métodos y aplicaciones en el sector salud*. Montevideo: CINTERFOR-OPS, 2002. Módulo 2, unidad 5, p.252.
- Kolb e Kolb (2008), *Experiential Learning Theory: A Dynamic, Holistic Approach to Management Learning, Education and Development*. Armstrong: *Management Learning, Edu. and Develop*, 42-48
- Kolb, D.A. (1984). *Experiential learning: Experience as the source of learning and development*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice Hall.
- Man, T. W. Y. (2006). Exploring the Behavioural Patterns of Entrepreneurial Learning: A Competency Approach. *Education & Training*, 48 (5), 309–321.
- March, J.G. (1991). Exploration and exploitation in organizational learning. *Organization Science*, 2(1), 71–87.
- Minniti, M. & Bygrave, W. (2001). A dynamic model of entrepreneurial learning. *Entrepreneurship Theory and Practice*, 25(3), 5–16.

-
- Ministério da Educação (2016). *Anuário da Educação – 2016*. Secretaria Geral da Educação e Ciência – Centro de Informação e Relações Públicas (CIREP). ISBN: 978-972-729-091-8
- OCDE (2015). Skills Strategy Informe de Diagnóstico Resumen España. OCDE
- Politis (2005). The Process of Entrepreneurial Learning: A Conceptual Framework. *Entrepreneurship Theory and Practice*, Vol 29, Issue 4, Julho de 2005
- Politis, D., & Gabrielsson, J. (2005). Exploring the role of experience in the process of entrepreneurial learning. Lund Institute of Economic Research. *Working Paper Series*.
- Rae (2005), Entrepreneurial learning: a narrative-based conceptual model. *Journal of Small Business and Enterprise Development*, Vol. 12 No. 3, 2005, pp. 323-335.
- Rae, D. & Carswell, M. (2001). Towards a conceptual understanding of entrepreneurial learning. *Journal of Small Business and Enterprise Development*, 8(2), 150–158
- Rae, D. (2004). Practical theories from entrepreneurs' stories: discursive approaches to entrepreneurial learning. *Journal of Small Business and Enterprise Development*, Vol. 11 No. 2, pp. 195-202.
- Rae, D., & Carswell, M. (2000). Towards a conceptual understanding of entrepreneurial learning. *The Journal of Small Business and Enterprise Development*, 8, 150-158.
<http://dx.doi.org/10.1108/EUM00000000006816>
- Reuber, R.A., Dyke, L.S., & Fischer, E.M. (1990). Experiential acquired knowledge and entrepreneurial venture success. *Academy of Management Best Paper Proceedings*, 69–73.
- Sarasvathy, S.D. (2001). Causation and effectuation: Toward a theoretical shift from economic inevitability to entrepreneurial contingency. *Academy of Management Review*, 26(2), 243–263.

-
- Schumpeter, J. A. (1934). *The theory of economic development: An inquiry into profits, capital, credit, interest, and the business cycle*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Sharma, P., Chrisman, J.J. (1999). Toward a Reconciliation of the Definitional Issues in the Field of Corporate Entrepreneurship. *Entrepreneurship Theory and Practice*, 23, 11-27.
- Skinner, B. F. (2005) *Teorias de aprendizagem são necessárias?* Rev. Brasileira de Análise do Comportamento. Vol. 1, nº1
- Vygotsky, L. (2001) Aprendizagem e desenvolvimento intelectual na idade escolar. In: VYGOTSKY, Lev Semyonovitch.; LURIA, Alexander Romanovitch.; LEONTIEV, Aleksei Nikolaievitch.; Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem. São Paulo:Ícone,
- Weick, K. E., & Westley, F. (1996). Organizational learning: Affirming an oxymoron. In S. R. Clegg, C. Hardy, & W. R. Nord (Eds.), *Handbook of organization studies* (pp. 440-458). Thousand Oaks, CA, US: Sage Publications, Inc..